

RESENHA: CORPOS NEGROS NO CINEMA DE GLAUBER ROCHA

Matheus Espíndola¹

Resumo: A tese de José Elenito Teixeira Morais — “Corpos negros no cinema de Glauber Rocha” — investiga a representação dos corpos negros no cinema de Glauber Rocha, com ênfase em *Barravento* (1962) e *A Idade da Terra* (1980). A problemática central buscou desvendar como Glauber articula um discurso visual crítico, elevando esses corpos de objetos de exclusão a símbolos de força e resistência cultural no cerne das contradições socioeconômicas do país.

Palavras-chave: Glauber Rocha, corpos negros, necropolítica, cinema, resistência.

REVIEW: BLACK BODIES IN THE CINEMA OF GLAUBER ROCHA

Abstract: José Elenito Teixeira Morais's thesis — “Corpos negros no cinema de Glauber Rocha” — investigates the representation of black bodies in Glauber Rocha's cinema, with emphasis on *Barravento* (1962) and *A Idade da Terra* (1980). The central problem aimed to uncover how Glauber articulates a critical visual discourse, elevating these bodies from objects of exclusion to symbols of strength and cultural resistance at the core of the country's socioeconomic contradictions.

Keywords: Glauber Rocha, black bodies, necropolitics, cinema, resistance.

¹ Matheus Espíndola é jornalista graduado (2008) pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestre (2017) em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2017). Desde 2011, faz parte do quadro de servidores efetivos da UFMG, no cargo de Jornalista. Atualmente, é pesquisador em Música e Cultura e cursa disciplinas do doutorado na Escola de Música da UFMG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4794573934254721>

Resistência e poder: o corpo negro no cinema

A tese “Corpos negros no cinema de Glauber Rocha”, de José Elenito Teixeira Morais, defendida em 2024 no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, propõe uma reflexão crítica aprofundada sobre a representação dos corpos negros no cinema brasileiro, focando nas obras do cineasta Glauber Rocha. Utilizando como base teórica a necropolítica de Achille Mbembe, o estudo analisa como Glauber constrói um discurso visual que denuncia a violência sistêmica e estrutural direcionada aos corpos racializados, ao mesmo tempo em que os retrata como símbolos de resistência cultural e insurgência política. Essa abordagem é fundamental para compreender as tensões entre opressão e emancipação presentes na cinematografia do autor.

O recorte metodológico, fundamentado na semiótica social e nas teorias do discurso visual, permite uma análise multimodal das produções *Barravento* (1962) e *A Idade da Terra* (1980), filmes que simbolizam momentos cruciais da carreira de Glauber e do Cinema Novo. *Barravento* representa a condição do corpo negro em um contexto de exploração econômica e cultural, destacando o candomblé como prática de coesão e resistência. Já *A Idade da Terra* amplia essa perspectiva, elevando a discussão para um plano alegórico e global, abordando imperialismo e colonialismo, e utilizando a figura do “Cristo Negro” como metáfora de revolução e transcendência.

A tese não se limita, no entanto, a exaltar a poética revolucionária de Glauber Rocha. Ela adota uma postura crítica ao reconhecer que, apesar do pioneirismo e da força política de sua obra, o cineasta não rompe completamente com as dinâmicas coloniais e racistas que estruturaram a sociedade brasileira. Essa contradição emerge especialmente pelo fato de que a representação dos corpos negros na filmografia de Glauber é construída a partir de uma perspectiva externa à vivência negra, o que pode, paradoxalmente, reproduzir certos estereótipos e manter elementos da colonialidade do poder.

A pesquisa contribui, assim, para uma leitura matizada da obra de Glauber, que vai além do maniqueísmo entre resistência e opressão, trazendo à tona as limitações e contradições do projeto estético-político do cineasta. Ao posicionar os corpos negros como protagonistas insurgentes, a tese revela uma tentativa de subversão das forças

necropolíticas que marcam o Brasil, mas também evidencia que essa subversão está longe de ser total ou isenta de tensões internas.

A utilização do conceito de necropolítica se mostra essencial para compreender o papel do cinema de Glauber na exposição das relações de poder racializadas, em que o controle sobre a vida e a morte dos corpos negros se manifesta historicamente por meio da escravidão, do racismo estrutural e das políticas contemporâneas de extermínio. Ao mesmo tempo, a tese destaca que a resistência cultural — expressa através das religiões afro-brasileiras, da música e dos rituais — constitui um locus fundamental para a insurgência e a ressignificação desses corpos.

O trabalho de José Elenito Teixeira Moraes abre um diálogo crítico e necessário sobre as representações dos corpos negros no cinema brasileiro, ampliando a compreensão das potencialidades e limitações dessas imagens no contexto da luta antirracista. Sua análise evidencia que, embora a obra de Glauber Rocha seja um marco para a afirmação da negritude na cultura nacional, ela demanda uma reflexão crítica constante acerca dos modos como o cinema produz e reproduz as complexas relações de poder racial.

Barravento (1962): o sagrado e a luta local dos pescadores

Ao analisar *Barravento*, o autor da tese destaca a representação dos corpos negros em uma sociedade marcada por tensões raciais, econômicas e culturais. O estudo revela como o filme, marco do Cinema Novo, aborda a luta de uma comunidade negra por emancipação frente a uma opressão estrutural que tensiona tradição e modernidade. A tese utiliza conceitos como a necropolítica de Achille Mbembe para interpretar essa “vida de morte lenta”, na qual corpos racializados são explorados e marginalizados, simbolizada no controle da rede de pesca pela elite local.

O trabalho mostra que, apesar da visão inicial de Glauber sobre o candomblé como “misticismo passivo” e obstáculo à consciência política — influência do marxismo militante da época —, *Barravento* paradoxalmente apresenta as religiões afro-brasileiras como elementos centrais de resistência e afirmação cultural. Essa

ambivalência é destacada na tese como um ponto crucial para entender a relação complexa entre fé, cultura e política no cinema de Glauber.

A tese enfatiza a importância dos personagens, como Firmino, que encarna uma tentativa individualista de ruptura; Aruan, símbolo da sabedoria coletiva e resistência ligada à tradição; e as figuras femininas Naína e Cota, que desafiam estereótipos de gênero e reafirmam a identidade negra. A estética visual, definida no trabalho como fundamental, valoriza a monumentalidade dos corpos negros, enquanto denuncia sua alienação, e a narrativa cíclica evidencia a tensão entre trabalho e espiritualidade.

Além de destacar o impacto sociocultural do filme, a tese também aponta as contradições da obra e de Glauber, especialmente sua perspectiva externa à experiência negra, que pode reproduzir dinâmicas coloniais mesmo em um projeto político revolucionário. O estudo ressalta que *Barravento* se configura como um marco do cinema político e cultural, capaz de posicionar os corpos negros como agentes de resistência, mas ao mesmo tempo evidencia as limitações e complexidades dessa representação.

A abordagem de José Elenito Teixeira Moraes, nesse sentido, fomenta um debate crítico e necessário sobre a representação dos corpos negros no cinema brasileiro, demonstrando que, embora *Barravento* seja uma obra revolucionária, ela carrega as tensões e contradições do contexto histórico e ideológico em que foi produzida, reafirmando a importância de uma análise crítica que reconheça tanto os avanços quanto os limites da estética e política de Glauber Rocha.

A Idade da Terra (1980): a alegoria universal e o corpo negro revolucionário

A Idade da Terra (1980), como destacado no trabalho de José Elenito Teixeira Moraes, amplia a abordagem dos corpos negros para uma dimensão alegórica e universal, colocando-os no centro da luta contra imperialismo, colonialismo e dominação espiritual. Na tese, é analisado como o filme, à luz da necropolítica de Achille Mbembe, expõe o controle desigual sobre a vida e a morte dos corpos negros, transformando-os em símbolos de resistência e subversão das relações de poder.

A estrutura fragmentada e experimental da obra reflete a ambição de Glauber em criar uma linguagem cinematográfica que combina denúncia política e exploração mística, atravessando espaços como Salvador, Rio e Brasília. O Cristo Negro, interpretado por Antônio Pitanga, emerge como figura central, personificando a resistência contra a necropolítica e o legado histórico da exploração do povo negro. A presença da religiosidade afro-brasileira — candomblé, festividades, músicas — é destacada como força cultural vital, que Glauber incorpora de forma celebratória, marcando uma importante virada em sua percepção do sagrado como vetor revolucionário, em contraste com sua visão crítica inicial em *Barravento*, no entendimento do autor da tese.

Cenas-chave ressaltadas no trabalho de José Elenito Teixeira Morais, como o Cristo Negro amparando a figura imperialista Brahms no aeroporto de Brasília e discursando em tom messiânico, expressam a crítica contundente ao imperialismo ocidental e à globalização. A nudez do Cristo no cerrado simboliza resistência contra as normas opressoras, enquanto a figura do Cristo Guerrilheiro em favelas cariocas une fé e luta popular. A trilha sonora e a montagem não linear reforçam o caráter insurgente e simbólico do filme, transformando o corpo negro em espaço de confronto político e espiritual.

De acordo com o autor da tese, a fotografia colorida e a montagem fragmentada intensificam o impacto simbólico, convidando o espectador a refletir sobre as continuidades coloniais e as possibilidades de emancipação cultural e política. A procissão final em Salvador sintetiza o desejo de Glauber por uma identidade brasileira plural, que reconheça suas raízes indígenas, africanas e populares, celebrando a festa, a música e a resistência coletiva. Dessa forma, *A Idade da Terra*, na avaliação do autor, representa um marco estético e político, onde o corpo negro é afirmado como sujeito histórico e insurgente, ampliando o debate sobre opressão, negritude e justiça social no cinema brasileiro e global.

Reflexões e projeções

Ao investigar a representação dos corpos negros na cinematografia de Glauber Rocha, a tese de José Elenito Teixeira Moraes suscita reflexões profundas e projeções sobre o papel do cinema na articulação de um discurso visual crítico diante das tensões de opressão e resistência na sociedade brasileira. A problemática central da pesquisa buscou desvendar como Glauber Rocha, a partir de uma abordagem inovadora, retratou esses corpos, elevando-os de meros objetos de exclusão a símbolos de força e resistência cultural, posicionando-os no cerne das contradições socioeconômicas do país.

Uma das principais constatações do autor é a evolução temática e estética na obra de Glauber Rocha. Em *Barravento*, o cineasta introduz a negritude como um espaço de contestação frente às opressões estruturais, explorando a relação entre o candomblé e a alienação social. No entanto, é em *A Idade da Terra*, seu último longa-metragem, que essa discussão se amplia para uma dimensão universal e alegórica, com o corpo negro assumindo um papel central na luta contra o imperialismo, o colonialismo e as dinâmicas de domínio espiritual e material. O filme, que para José Elenito Teixeira Moraes representa o ápice da estética glauberiana, transcende o contexto local e reflete a maturidade do diretor, ao abordar questões fundamentais da cultura afro-brasileira e da condição do negro no Brasil, indo além da denúncia para uma análise fundamentada da negação e resistência desses corpos.

A teoria da necropolítica de Achille Mbembe se revela crucial para essa compreensão, evidenciando como os corpos negros são historicamente subjugados ao controle estatal e econômico, e como Glauber expõe essa dinâmica, revelando que a vida e a morte são governadas de maneira desigual, relegando as vidas negras a uma existência precária. Contudo, como demonstra o autor da tese, Glauber eleva o corpo negro ao status de símbolo de resistência, confrontando a ordem necropolítica e reconfigurando as relações de poder. A pesquisa demonstra, assim, que a representação dos corpos negros em Glauber Rocha é marcada por uma dualidade intrínseca: são simultaneamente testemunhos socioantropológicos cruciais para a sociedade brasileira e forças motrizes marginalizadas no desenvolvimento econômico. Essa dualidade se articula com as tradições sagradas afro-brasileiras, como o candomblé, e as expressões

culturais de música e dança, que, apesar da subjugação, manifestam um movimento contínuo de resistência cultural.

Um ponto de reflexão crítica importante sugerido pelo autor reside na "virada exegética" glauberiana. Se em um primeiro momento Glauber Rocha via o misticismo como um "entrave à consciência política" ou "ópio das massas", ao final de sua trajetória ele incorpora o sagrado como um elemento necessário e fundamental para a revolução. Essa mudança de perspectiva sugere que a religião e a cultura afro-brasileira, longe de serem alienantes, são pilares de resistência e afirmação cultural, atuando como ferramentas potentes para a transformação social.

A pesquisa também aponta para uma lacuna na fortuna crítica ao perceber que, embora a obra de Glauber Rocha seja amplamente estudada, o devido destaque aos corpos negros em *A Idade da Terra* tem sido insuficiente. O estudo contribui diretamente para preencher essa lacuna, oferecendo uma leitura inovadora que considera os aspectos estéticos e as dinâmicas de poder e controle sobre os corpos negros no filme.

As projeções para futuras investigações a partir desta tese são diversas. Primeiramente, reforça-se a necessidade de continuar a problematizar a representação da negritude no cinema e na sociedade, transcendendo as representações estereotipadas e inserindo os corpos negros em uma dinâmica política de resistência. A interdisciplinaridade (abarcando cinema, filosofia política, teoria social, crítica da cultura, psicologia e teologia) é fundamental para uma compreensão abrangente do corpo negro como uma entidade multifacetada.

Além disso, é crucial aprofundar a discussão sobre a descolonização teórica, que não se resume a uma revisão, mas implica a construção de uma matriz de produção de conhecimento distinta, que se afaste das estruturas colonialistas e eurocêntricas. Embora Glauber Rocha tenha aberto um espaço importante para o debate sobre a opressão, sua obra não realiza uma ruptura total com as premissas coloniais. Isso sugere que futuras pesquisas devem focar em uma perspectiva ainda mais autêntica, originária e autônoma, sem a mediação de olhares externos, por mais bem-intencionados que sejam. A valorização do corpo negro e a representação de suas lutas podem ser conduzidas de forma mais eficaz quando partem de uma experiência vivida, aprofundando as dinâmicas internas das lutas e identidades negras.

Finalmente, a tese de José Elenito Teixeira Moraes projeta a importância de continuar a questionar e desconstruir narrativas hegemônicas que perpetuam a invisibilidade e a marginalização dos corpos negros no cinema e na sociedade brasileira. Ao posicionar os corpos negros como protagonistas de suas narrativas, Glauber Rocha abre espaço, segundo o autor, para um novo entendimento da história brasileira, onde a negritude é celebrada e reconhecida como um elemento central na formação da identidade nacional. As representações cinematográficas, como as de Glauber Rocha, permanecem relevantes na luta contra a opressão e na busca por justiça social, inspirando futuras gerações a infletir as narrativas hegemônicas e afirmar a potência dos corpos negros na construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Recebido em 19/06/2025

Aceito em 21/10/2025